

Universidades Lusíada

Infante, Sérgio José Castanheira, 1947-

Autenticidade e conservação integrada

<http://hdl.handle.net/11067/406>

Metadata

Issue Date	2010
Abstract	A conservação e o restauro do património arquitectónico e urbano assentam em princípios que são a expressão duma atitude cultural e ética face à substância física e às formalizações que gerações anteriores nos transmitiram. Sendo, de base, uma atitude cultural, esta atitude é influenciada pela evolução da cultura em geral à qual está intimamente ligada, tanto na dimensão temporal como espacial. Se bem que fundamentada numa tradição já longa, a doutrina da salvaguarda carece ainda de se tornar si...
Keywords	Castelo de Palmela (Portugal), Castelos - Conservação e restauro - Portugal - Palmela
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FAA] RAL, n. 1 (2.º semestre 2010)

This page was automatically generated in 2018-11-16T02:30:43Z with information provided by the Repository

AUTENTICIDADE E CONSERVAÇÃO INTEGRADA

Sérgio Infante

RESUMO

A conservação e o restauro do património arquitectónico e urbano assentam em princípios que são a expressão duma atitude cultural e ética face à substância física e às formalizações que gerações anteriores nos transmitiram. Sendo, de base, uma atitude cultural, esta atitude é influenciada pela evolução da cultura em geral à qual está intimamente ligada, tanto na dimensão temporal como espacial. Se bem que fundamentada numa tradição já longa, a doutrina da salvaguarda carece ainda de se tornar sistematicamente operacional nas decisões de projecto e obra. Sendo já largamente aceite a importância de se assumir o conceito de autenticidade como fundamental para a conservação do património, o seu âmbito e significado não se encontram ainda livres de controvérsia. É apresentado o caso de estudo do Projecto de Recuperação do Castelo de Palmela.

PALAVRAS-CHAVE

Castelo de Palmela; Conservação e restauro; Cultura; Património; Projecto de recuperação.

ABSTRACT

Conservation and restoration of architectural and urban heritage are based on principles which are an expression of cultural and ethical attitude towards the physical substance and formalizations that previous generations have transmitted us. So, this cultural attitude is influenced by the evolution of Culture in general - which is closely linked, both in temporal and spatial dimension.

Certainly well grounded in long-standing tradition, the doctrine of protection has yet to become systematically operational in project and work decisions. Although it is already widely accepted the importance of taking the concept of authenticity as essential to the conservation of heritage, its scope and significance are still not free of controversy. It is presented the case study or the Recovery Project of Palmela Castle.

KEY-WORDS

Palmela Castle; Conservation and restoration; Culture; Heritage; Recovery project.

INTRODUÇÃO

A conservação e o restauro do património arquitectónico e urbano assenta em princípios que são a expressão duma atitude cultural e ética face à substância física e às formalizações que gerações anteriores nos transmitiram. Sendo, de base, uma atitude cultural, esta atitude é influenciada pela evolução da cultura em geral à qual está intimamente ligada, tanto na dimensão temporal como espacial. Se bem que fundamentada numa tradição já longa, a doutrina da salvaguarda carece ainda de se tornar sistematicamente operacional nas decisões de projecto e obra. Sendo já largamente aceite a importância de se assumir o Conceito de Autenticidade como fundamental para a conservação do património, o seu âmbito e significado não se encontram ainda livres de controvérsia.

Como definição geral podemos dizer que a Autenticidade procura uma relação de verdade e sinceridade entre o suporte físico da mensagem e a mensagem em si mesmo.

É uma relação essencial em todas as áreas culturais, mas consoante as áreas a noção de autenticidade é diferente. Na literatura a autenticidade da peça escrita não passa pela obrigatoriedade de a transcrever no suporte em que foi escrita; na música, uma vez registada em pauta (novamente um suporte físico) uma sinfonia pode ser interpretada por vários maestros, que lhe dão uma característica pessoal mas que não a alteram a um ponto que se possa falar em perda de autenticidade; e nas artes plásticas põe-se claramente o problema da autenticidade do suporte material. A uma reprodução, por muito perfeita que seja, nunca será reconhecido o mesmo valor que se atribui ao original.

Mas as relações entre a forma inicial e a forma actual podem também ser diferenciadas.

A patine que se vai acumulando e a maneira como são expostas as peças, os repintes e os restauros a que foram sendo sujeitas ao longo do tempo, podem contribuir para uma leitura actual bastante diferente da original.

Inserem-se muitas vezes nas obras alterações e acrescentos mas apesar de tudo a pintura e a escultura mantém mais facilmente a integridade do material original do que a arquitectura.

Neste campo, em que a produção cultural é suporte de funções e actividades, não interessa somente distinguir a mensagem de autenticidade formal original mas também uma autenticidade histórica, com contribuições relacionadas com diferentes períodos temporais, que vão das alterações do gosto às evoluções funcionais a que a edificação foi sendo sujeita.

A percepção da autenticidade é também diferente conforme as culturas. No Extremo Oriente, os templos de madeira (que se vai naturalmente degradando, como material orgânico que é) vão ser sujeitos a substituições periódicas de substância física, e essas reconstruções não são entendidas como lesivas. A autenticidade não se encontra no material mas sim na permanência formal, na manutenção da pureza da mensagem original.

O que se considera é que a perfeição desvaloriza a autenticidade do material para se fixar na perfeição formal. No Ocidente , a reconstituição das formas originais defendida por Viollet-le-Duc valorizava a conservação da mensagem primitiva apagando claramente a evolução temporal provocada pelos homens ou pela natureza. Hoje contudo procuramos definir uma autenticidade global, que consiga incluir a mensagem primitiva mas não anule as manifestações de evolução temporal. Os restauros arqueológicos excessivos prepararam a sensibilidade para integrar as

manifestações de evolução histórica. O maior rigor da análise histórica leva a procurar documentos que não tenham sido falseados. A investigação baseia-se no respeito pelos edifícios considerados como portadores de informação histórica.

Outro factor incontestável é o progresso da ciência. Era impossível intervir alguns anos atrás como hoje o podemos fazer. Para consolidar pedra temos meios de que não disponhamos ainda não há muito tempo.



Fig. 1 - A perda da definição geométrica da estereotomia das pedras - neste caso um cunhal que perdeu a definição da sua aresta - e não estando em risco a resistência estrutural, o carcomido permite uma leitura poética da passagem do tempo, que seria anulado pela fria substituição destas pedras degradadas por novas, com um talhe rigorosamente geométrico.

Uma impregnação por consolidante permite retardar os efeitos da erosão e dar mais uns anos de vida a estas pedras originais. Perdeu-se o rigor formal, mas ganhou-se em autenticidade da substancia física.



Fig. 2 - Rebocos pigmentados na massa permitem dar colorações ligeiramente diferentes a várias épocas de construção.

A sensibilidade da sociedade e a necessidade de sentir a presença física do tempo levam a que as pessoas se agarrem a testemunhos.

É muito mais eloquente uma catedral em que se vê a evolução temporal e as alterações estilísticas manifestam a sua evolução ao longo de muitos séculos, do que uma que foi restaurada procurando relacioná-la com uma suposta identidade primitiva, anulando toda a história subsequente.

Como clarificar contudo o conceito de autenticidade?

Está ligado à cultura e à filosofia, diz respeito a uma situação formal inicial e por outro lado a uma situação evolutiva histórica.

Enquanto que a mensagem formal está ligada à peça inicial e corresponde à vontade definida à partida por alguém que quer criar alguma coisa, a mensagem histórica é accidental, e é a passagem dos séculos que vai fazer alterar a mensagem inicial. Será o formal prioritário sobre os acidentes? Se for assim teremos que procurar uma hierarquia na autenticidade.

As obras de arquitectura sofrem pela acção da natureza e do homem.

As degradações podem derivar do desgaste provocado pelas condições climáticas e pela instabilidade das estruturas ou dos materiais, ou pelo abandono do homem.

Persistem contudo noções operacionais contraditórias de que o património arquitectónico se perpetua quando:

- 1 - se preserva a substância física, que permitiu a expressão inicial de uma forma, mas que se foi degradando e que hoje se apresenta com uma leitura formal muito esbatida...

2 - se mantém uma forma, sem preocupação de manter a substância física que inicialmente lhe serviu de suporte, levando muitas vezes à sua substituição integral.

Quando a substância é pouco estável, como a taipa ou o adobe, ou putrescível, como as substâncias orgânicas (madeira, coberturas de colmo, etc.), a forma perpetua-se porque é reconstruída sistematicamente graças à repetição permanente das mesmas práticas construtivas, normalmente apanágio de sociedades relativamente estáveis. Abandonam sistematicamente uma substância física, mas conservam uma forma. A conservação decisiva é a das práticas.

Inversamente, na conservação dos monumentos de pedra europeus, a substituição sistemática de alvenarias instáveis, a que se recorreu com frequência, é considerada hoje como uma perda de autenticidade e os meios técnicos, com produtos químicos de luta contra a degradação do material, permitem progressivamente conservar melhor a substância original, particularmente as partes mais decoradas e que têm a marca duma intervenção artística particular.

Uns restauros podem pôr mais ênfase na autenticidade histórica e outros na autenticidade formal. O que não devemos é comprometer a leitura do monumento pelas gerações futuras, que não conhecerão o monumento na sua autenticidade, se ele for irreversivelmente abastardado.

Um caso de Estudo; O Castelo de Palmela.

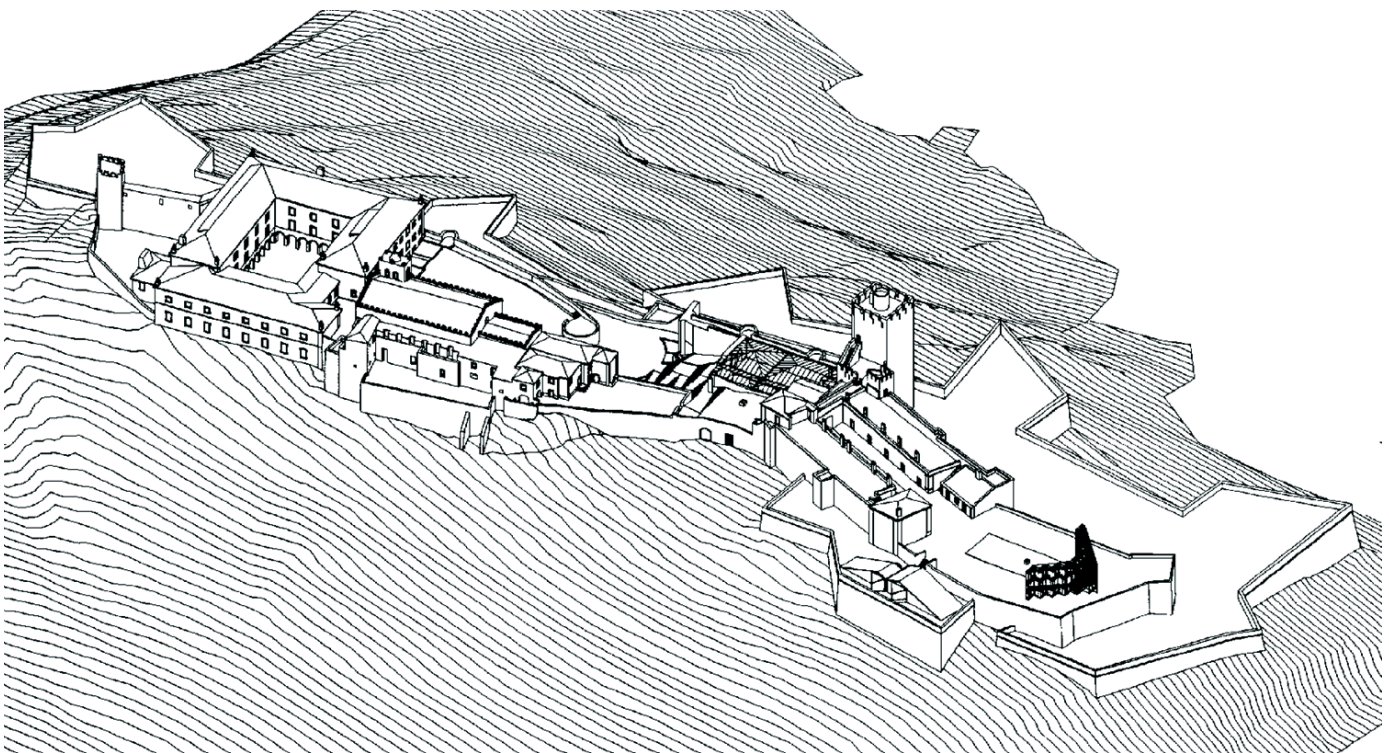


Fig. 3 – Castelo de Palmela

Entre os rios Tejo e Sado, a uma quarentena de quilómetros a sul de Lisboa, o castelo de Palmela foi edificado sobre um promontório rochoso, num dos últimos contrafortes da serra da Arrábida. O núcleo urbano de Palmela, extravasando o recinto fortificado onde nasceu foi-se desenvolvendo na vertente menos abrupta da colina, continuando o castelo a ser uma referência visual muito conspícua numa grande área envolvente. As suas origens perdem-se no tempo. Escavações arqueológicas testemunham presença humana na região velha de três séculos A.C.

A ocupação muçulmana data do séc. VIII. O castelo foi tomado aos mouros em 1147, por D. Afonso Henriques, depois perdido e retomado definitivamente por D. Sancho em 1210. A fortificação foi melhorada no século XIV, nomeadamente com a construção da torre de menagem, e no séc. XVII, por imperativo do desenvolvimento da artilharia e da consequente nova forma de guerrear, foram acrescentados baluartes, casamatas e também novos alojamentos para a tropa.

Desde meados do século XV o castelo foi sede da Ordem de Santiago, que fez construir um primeiro núcleo conventual, e a igreja de São Tiago à ilharga. Segundo as crónicas, em 1482 a igreja estava terminada. Um novo e importante edifício conventual viria a ser construído nos séculos XVI e XVII. Mais do que destruições de guerras, foram o terramoto de 1755 e o abandono na sequência da extinção das ordens religiosas em 1834 que mais contribuíram para a sua degradação. No princípio do século XX. O castelo estava num estado deplorável. Classificado Monumento Nacional em 1910 e apesar da presença dos militares do regimento de transmissões a decadência continuava. Nos anos 40 foram feitos trabalhos de restauro segundo uma metodologia de que hoje podemos discordar em termos de critérios de intervenção, mas que tem de ser entendida no contexto cultural e político da época.

A adaptação do convento filipino a pousada data do princípio da década de 70 e permitiu dar vida a uma parte do monumento.

Procurando inverter o processo de degradação que continuava nas outras áreas do castelo e permitiir o seu usufruto social, para além dos utentes da pousada a Câmara Municipal de Palmela inscreveu a animação e reabilitação do castelo como uma das suas prioridades, desenvolvendo um programa de intenções. Para aprofundar e concretizar esse programa confiou-nos a coordenação da equipa, a execução dos projectos e o acompanhamento das obras.

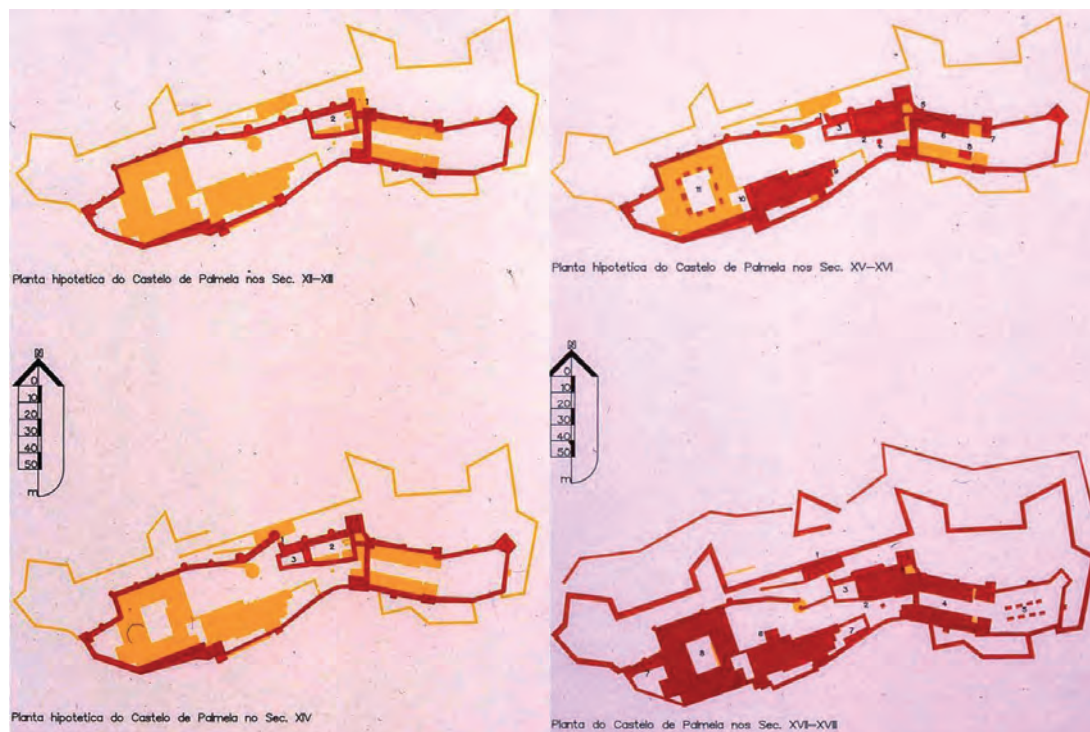


Fig. 4 - Reconstituição hipotética das evoluções do castelo ao longo do tempo.

As épocas sucessivas, registadas graficamente a partir do cruzamento das informações bibliográficas com a análise da substância física no local, fornecem orientações para que o projecto permita dar uma leitura da consciência de que o monumento é uma sobreposição de diferentes épocas e que não testemunha apenas um momento histórico, permitindo assim uma leitura muito mais rica do que um hipotético retorno a uma suposta traça primitiva.

O PROGRAMA

O projecto de arquitectura foi assim desenvolvido tendo como base de trabalho o Programa de Recuperação e Animação do Castelo (PRAC), previamente elaborado pela Câmara Municipal de Palmela, que definia os objectivos a atingir, nomeadamente um conjunto de projectos de animação cultural, e que recebeu o aval das entidades que mantêm jurisdição sobre o Castelo - IPPAR e Direcção Geral do Património de Estado.

Em Dezembro de 1991 a autarquia subscreveu um Acordo de Colaboração com o IPPAR, ao abrigo do qual este programa camarário viria a ser financiado por fundos comunitários (FEDER), no âmbito da operação integrada de Desenvolvimento da Península de Setúbal, e pelo Orçamento Geral do Estado.

O PROJECTO

Em 1992 iniciámos o Projecto Geral de Recuperação e Animação do Castelo. A equipa integrou desde início arquitectos para os levantamentos, os diagnósticos e os projectos arqueológicos para as escavações e sondagens, engenheiros para as infra-estruturas e estabilidade, economistas e museólogos para o dossier de enquadramento económico, social, jurídico e turístico. A integração paisagística estava assegurada por um arquitecto paisagista do Município.

Um protocolo estabelecido com a Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, de que na altura era director pedagógico, permitiu desenvolver trabalhos práticos de restauro de pinturas murais e azulejos, em situações pontuais, procurando definir métodos e técnicas que se estenderiam depois às várias áreas de intervenção.

A estratégia de associar imediatamente a reabilitação de diferentes espaços a diferentes actividades culturais ,comerciais e turísticas, que se foram ponderando tendo sempre em conta a capacidade de encaixe desses espaços existentes, revitalizando-os sem recorrer a novas construções, baseou-se na convicção de que a melhor maneira de conservar um monumento é encontrar-lhe um conjunto coerente de actividades sustentáveis ,que pela sua escala o respeitem, e que permitam interromper o processo de degradação que o monumento conheceu.



Fig. 5 - Interior da antiga sacristia da igreja de Santa Maria recebeu o Grupo de Estudos da Ordem de Santiago.

Estas potencialidades de uso ficaram definidas num Estudo de Aproveitamento Turístico e Museológico, que foi informando as várias fases do desenvolvimento do projecto, em paralelo com o Estudo Histórico-arqueológico, que por sua vez permitiu que o projecto incluísse, desde o início, o respeito pelo enquadramento histórico do monumento como uma das suas principais exigências.

A dispersão e a insuficiência de informação relativos ao passado do conjunto arquitectónico do Castelo, levaram-nos a por em acção uma metodologia de análise que comporta duas operacionalidades: a análise directa – escavações arqueológicas e sondagens, necessariamente feitas no local, no próprio monumento, e a análise indirecta – dados que se obtêm fora do local, procedendo a pesquisas bibliográficas e iconográficas em arquivos e bibliotecas.



Fig. 6 - O lavabo no interior da sacristia antes e depois da intervenção.

A análise prévia atenta de elementos arquitectónicos relevantes, mas muitas vezes tão apagados que correm o risco de ser eliminados sem sequer se dar por eles, é fundamental não só para a sua manutenção enquanto documentos históricos, mas também para poderem ser intencionalmente incorporados no projecto.

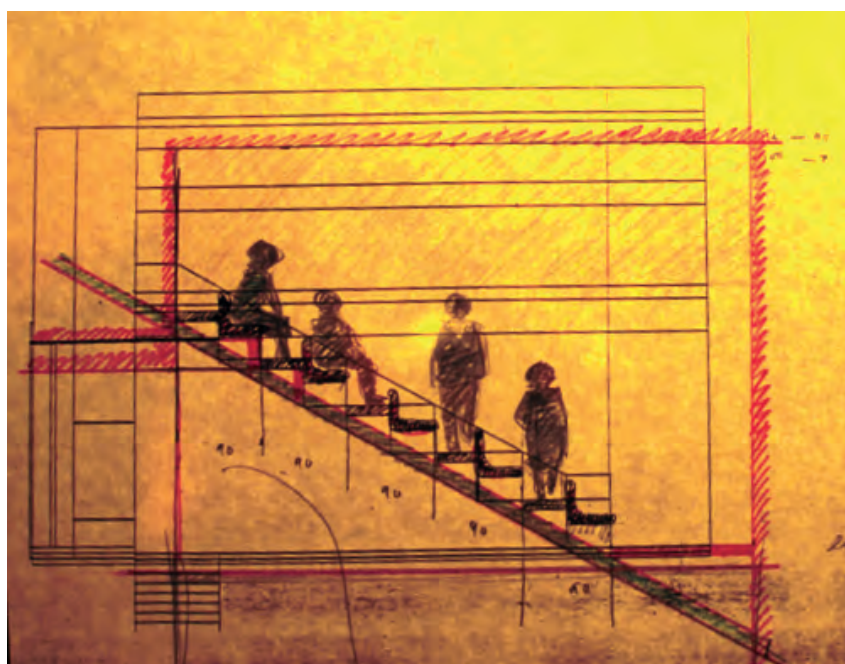


Fig. 7 - Esquisso conceptual do pequeno auditório em madeira, permitindo a leitura das escavações arqueológicas.



Fig. 8 - Vista inferior e superior do pequeno auditório.

Mais do que compilar dados histórico-bibliográficos, privilegiámos o cruzamento dessa informação escrita com a que foi sendo fornecida pelo levantamento arquitectónico planimétrico e tridimensional, e pelas escavações e sondagens. Organizaram-se os dados obtidos de forma a enquadrar o que se conhecia da história geral do conjunto monumental, com a leitura enriquecida dos vários núcleos que o compõem através dos testemunhos escritos, dos registos iconográficos e dos resultados das escavações arqueológicas e das sondagens. Fomos desenvolvendo o projecto de arquitectura sem pretender um hipotético e necessariamente falso retorno à traça primitiva, procurando, pelo contrário, materializar e dar a ver testemunhos relativos ao desenvolvimento físico do Castelo, isto é, aos registos da evolução da sua organização espacial e funcional, e às vicissitudes que, ao longo dos séculos, quer pela intervenção humana, quer pelos elementos naturais, marcaram a sua fisionomia.

Definidas as linhas gerais de intervenção no espaço global do Castelo, a diversidade e a especificidade das diferentes intervenções previstas conduziram-nos à definição operacional de áreas de acção que, respeitando uma filosofia de intervenção comum e o programa estratégico global, se constituíram em dossiers autónomos, permitindo fasear os projectos de execução e o lançamento das obras de acordo com as possibilidades financeiras da entidade promotora.



Fig. 9 - Áreas de exposição, acessos e percursos emanaram do existente, com um mínimo de alterações da substância física.

DESENHOS À MÃO OU CAD

Com base numa metodologia que promove a recolha de material bibliográfico e iconográfico, e análises comparativas e tipológicas que permitem a compreensão global do Monumento, a definição e datação dos seus estádios sucessivos numa perspectiva de continuidade histórica, o recurso ao desenho assistido por computador revelou-se muito eficaz.

No desenvolvimento dum projecto há uma reacção natural, mesmo que não explícita, contra deitar fora um desenho e recomençar uma nova proposta mais adequada ou mais respeitadora de elementos que só foram identificados posteriormente à execução do primeiro desenho.

O computador, não melhora em nada a qualidade do projecto, mas permite que sem constrangimentos de deitar fora trabalho já realizado, se desenvolvam soluções alternativas, e que os desenhos se mantenham sempre em aberto para receberem correcções ou acrescentos.

Aqui reside, no meu ponto de vista, a maior vantagem da utilização do desenho assistido por computador na recuperação do património.

Não é sequer uma questão de rapidez, porque os desenhos de base, a introdução de dados que formalizam um levantamento rigoroso, o registo de novas informações são tarefas igualmente morosas, quer sejam executadas á mão, quer o sejam em computador.

Mas depois de termos uma boa base de trabalho, ela mantém-se útil e disponível para ir recebendo informações adicionais e para suportar alterações ou ensaios de soluções alternativas.

Registada em suporte digital, a análise prévia da edificação encontra a possibilidade de se manter permanentemente em aberto, e de ser completada cada vez com mais acuidade, inclusivé no decurso da obra, quando, como se sabe, muitas surpresas ainda se revelam , apesar do cuidado e rigor com que deve ser feita.

Para o cumprimento destas tarefas é que se torna evidente a vantagem de dispor de um processo de desenho que fácilmente, e agora sim, rápidamente, incorpore novos dados e permita novas alternativas, sem o trauma de raspar e de redesenhar, até abrir buracos na folha de vegetal do desenho feito á mão.

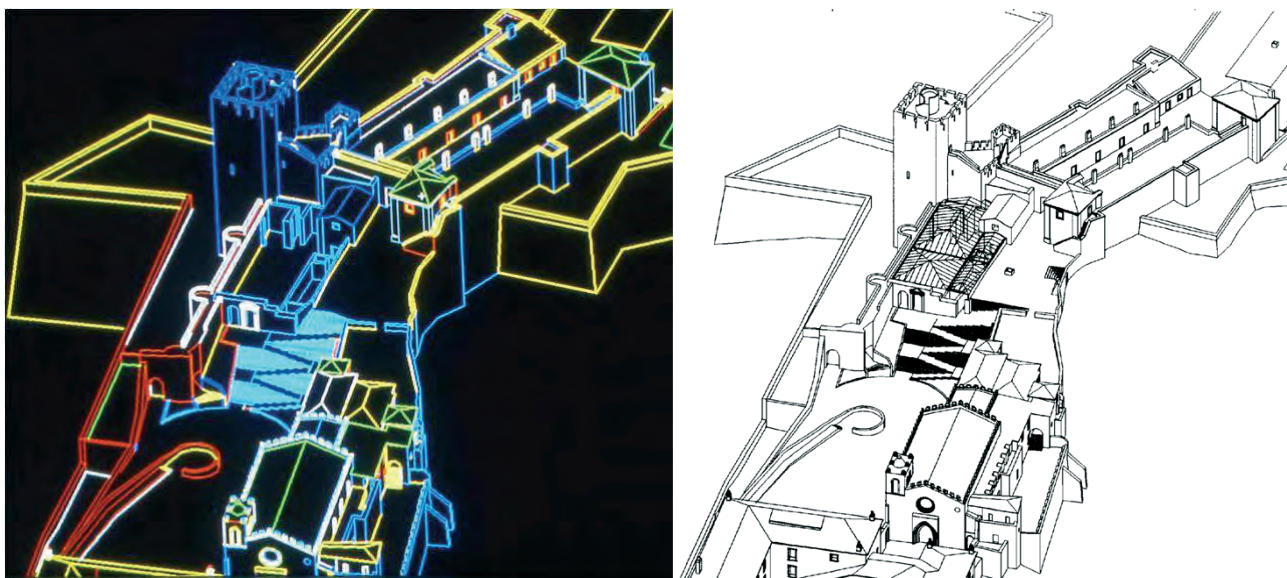


Fig. 10 – Em 1992 ainda não era muito frequente o uso, pelos arquitectos, do desenho assistido por computador. E menos ainda em projectos de recuperação. O CAD era ainda muito rígido, pouco adaptado a conseguir registar convenientemente as complexidades geométricas e a pouca ortogonalidade das edificações antigas. Precisámos de uma estação gráfica HP – enorme par os padrões actuais – e um programa Star, correndo em Unix – o Windows não aguentava na altura tanta irregularidade e ainda menos conseguia eficazmente os registos tridimensionais interiores e exteriores em que queríamos trabalhar desde início, e não como apresentação final.

Mas a ferramenta revelar-se-ia metodologicamente fundamental, as máquinas e os programas cada vez mais acessíveis e de utilização cada vez mais corrente nesta área de projecto.

COMPLEMENTOS METODOLÓGICOS

As campanhas de restauro dos castelos em Portugal nos anos quarenta do século XX, num período que foi de comemoração da fundação da nacionalidade e em que politicamente se procurava reavivar orgulhos patrióticos que nos mergulhassem na raiz medieval da nossa identidade e independência, puseram castelos mais “medievais” do que estes tinham sido na Idade Média, ainda à boa maneira do século XIX, de Viollet - le - Duc e da sua teoria de restauro “estilístico”. A perenidade dos sistemas construtivos tradicionais e a qualidade fruste da mão de obra de canteiros e pedreiros leva a que não seja fácil a identificação de reconstruções e reconstituições. A análise prévia e cuidadosa *in situ* é fundamental mas também é igualmente importante procurar o apoio de elementos iconográficos (nomeadamente registos fotográficos da época) que nos alertam para situações à primeira vista insuspeitadas.

Para tornar mais eficaz o trabalho com as fotografias antigas promovemos sistematicamente a execução de fotografias actuais, tomadas do mesmo ponto de vista e com uma lente com distância focal semelhante, para que o campo de visão e o enquadramento sejam idênticos ao da fotografia antiga de que dispomos.

As alterações ao monumento são, muitas vezes, muito significativas, mesmo neste período histórico relativamente recente em que se inventou e desenvolveu a fotografia. Esta comparação entre um registo visual num tempo passado e no tempo presente, com as fotografias lado a lado, a antiga e a actual, ajuda-nos a confirmar suspeitas de transformações ou restauros que assim ficam claramente identificados, demonstrando não terem a antiguidade que muitas vezes parecem ter. Não são raros os elementos arquitectónicos em que a passagem de quarenta ou cinquenta anos os faz parecer antigos de quatro ou cinco séculos.

Não queremos com isto pugnar pelo desrestauro, como base metodológica para repor a autenticidade perdida, mas que se saiba efectivamente com que substância histórica lidamos, que passado tem e que futuro lhe queremos dar...

NOTA FINAL

Já estamos num período em que não se podem continuar a formular constantemente objectivos genéricos e simplesmente a necessidade cultural da conservação do património arquitectónico, mas que exige que nos concentremos e esforcemos para encontrar os métodos e os meios necessários para concretizar as boas intenções.

O primeiro passo para a conservação e restauro é estar bem informado acerca do edifício nas suas componentes culturais e técnicas, combinando a análise arqueológica, histórica e iconográfica com o levantamento arquitectónico e a identificação das patologias. A estreita relação que se manteve entre o projecto de recuperação arquitectónica e a investigação histórica-arqueológica, complementada com o Estudo de Aproveitamento Turístico e Museológico permitiu-nos desenvolver uma metodologia de conservação integrada que teóricamente vem sendo defendida em cartas e resoluções internacionais de recuperação do património arquitectónico, mas que na prática ainda não é, como já deveria ser, prática corrente entre nós.



Fig. 11 - Os arranques ainda existentes de nervuras de abóbadas são mantidos e apoiam com credibilidade uma simulação, num novo material, duma cobertura que protege a entrada da antiga sacristia reabilitada para nova função. E permite a reversibilidade da intervenção.



Fig. 12 - Estudo da geometria da abóbada a partir dos apoios ainda detectáveis. A substancia física original mantém-se e a nova cobertura materializa a sugestão dum espaço anteriormente coberto.



Fig. 13 - O apoio em falta foi livremente assumido como elemento escultórico antropomórfico, sugerindo um monge guerreiro da Ordem de Santiago, associando á peça, necessária como elemento estrutural, uma carga simbólica relacionada com a nova função do espaço reabilitado.

Sérgio Infante

Professor aposentado da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
 Professor da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada
 Nasceu em Lisboa em 1947.

Início da carreira docente na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa - Departamento de Arquitectura em 1976.

Doutoramento em Arquitectura pela Universidade Técnica de Lisboa em 1993. "Aprovado com distinção e louvor" com a dissertação "Conservação e Desenvolvimento".

Presidente da Comissão Nacional Portuguesa do ICOMOS-Internacional Council on Monuments and Sites-Unesco (1987-1993).

Colaborador da Secretaria de Estado do Ambiente no Estudo de Classificação e Intervenção em Sítios e Conjuntos de valor natural e arquitectónico (1977).

Frequência em 1977/78 do «Centre for the Conservation of Historic Towns and Buildings» no «College of Europe» em Bruges, Bélgica (Certificate of advanced European Studies in Conservation, Grade A).

Diploma Conservação de Monumentos da Universidade de Eger, Hungria (1978).

Entre 1978 e 1980 colaborador do Professor Raymond Lemaire, Presidente do Centro de Bruges e Presidente Honorário do ICOMOS-Internacional Council on Monuments and Sites, no «Bureau d'Etudes pour la Sauvegarde des Monuments et Ensembles Historiques» em Lovaina, Bélgica.

Vogal do 9º Secção do Conselho Consultivo (Património Arquitectónico) do Instituto Português do Património Cultural desde 1986 até Junho de 1992.

Membro convidado para a Comissão de Redacção da Carta Internacional Para a Salvaguarda das Cidades Históricas (1986).

Professor Convidado e Orientador de Teses de Mestrado no Centre for Conservation R. Lemaire da Universidade Católica de Lovaina (Bélgica) desde 1994.

Membro do júri internacional de selecção dos projectos-piloto no domínio da Conservação do Património Arquitectónico da Comunidade Europeia (DGX), que reuniu anualmente entre 1989 e 1994.

Como responsável de SIGERP, Gabinete de Estudos para a Recuperação do Património Arquitectónico e Urbano, Lda. realizou projectos de arquitectura, recuperação e estudos de reconversão de zonas de construção degradada, de novas utilizações para edifícios antigos e de intervenção em áreas históricas.

Membro da Ordem dos Arquitectos, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do ICOMOS-Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios.